

A cidade e as serras - Restaurando a casa portuguesa

Osmar Pereira Oliva*

Resumo

Partindo das noções de decadentismo, discutiremos, neste ensaio, as representações de duas personagens ecianas – Fradique Mendes e Jacinto – procurando demonstrar a influência do pessimismo e do desencantamento com a vida na trajetória dessas personagens, relacionando-as às imagens da pátria portuguesa.

Palavras-chave: decadentismo, pessimismo, civilização, identidade portuguesa

Résumé

À partir des notions de décadentisme, on va discuter, dans cet travail, les représentations de deux personnages ecianas – Fradique Mendes et Jacinto – en essayant de démontrer l'influence du pessimisme et du désenchantement avec la vie, dans la trajectoire de ces personnages, en établissant une relation entre ceux-ci et l'images de la patrie portugaise.

Mots-clés: décadentisme, pessimisme, civilization, identité portugaise

O século XIX viu aflorar uma certa idéia de decadência, como diz Michel Décaudin (1976:5) em *Definir la Décadence*. O espírito de modernidade que se desenvolve a partir da progressiva urbanização das cidades e sua conseqüente superpovoação e industrialização trouxe, para muitos, um certo pessimismo diante da vida e do mundo. A cidade, centro de convivência, de encontros culturais, lugar onde se satisfazem os prazeres carnavais e usufrui-se o gozo da civilização, tornou-se também imprópria para aqueles que já experimentaram de tudo, não encontrando nela novidade alguma. A monotonia das coisas desencadeia o tédio e a vida vai perdendo o sentido e a graça.

O espírito de decadência começa a germinar e influenciar a vida de alguns homens, cosmopolitas por excelência, acostumados ao fervilhar cultural, econômico e social desses grandes centros. Diante das atividades rotineiras da modernidade, surge a reflexão sobre a insatisfação com o presente, a certeza

de que tudo já foi dito, realizado, escrito. A melancolia é a certeza de quem vive a mesmice do cotidiano. Não há nada a fazer, “*La chair est triste, hélas! et j’ai lu tous les livres.*” Como diz Mallarmé.

Na Europa, Paris é o grande centro, onde se encontram escritores e gênios da arte, de uma forma geral. É lá também o lugar das delícias terrenas. Emigrando¹ de Portugal, um país provinciano, agrário e estático, tanto Fradique- personagem de *A correspondência de Fradique Mendes* (QUEIRÓS, 1946) quanto Jacinto- personagem de *A Cidade e as Serras* (QUEIRÓS, 1971) vão viver a vida parisiense. Oriundos de famílias patriarcais, tradicionais, ricas e respeitadas, essas duas personagens têm a juventude, o recurso econômico e a disposição para gozar a vida e os vícios da modernidade.

Por um lado, Jacinto é a imagem do homem rústico, que, por um tempo, abandona o campo e se instala na cidade, numa representação do emigrante bon vivant e que, cansado do excesso de civilização, encontra nas serras a sua restauração e longa vida. Do outro lado, Fradique é o flâneur, que passeia pelo mundo sem se deixar influenciar por ele, passando a ser dominado pelo pessimismo e conseqüente declínio e morte. O dandismo aproxima a caracterização de ambos, mas há diferenças singulares na construção deles, como veremos a seguir.

N’A *Correspondência de Fradique Mendes*, o narrador, ao se referir ao amigo Fradique Mendes, lança sobre ele um olhar seduzido, detalhista, descrevendo-o com admiração e certa sedução, como na seguinte passagem:

Trazia uma quinzena solta, numa fazenda preta e macia, igual à das calças que caíam sem um vinco: o colete de linho branco fechava por botões de coral pálido: e o laço da gravata de cetim negro, dando relevo à altura espelhada dos colarinhos quebrados, oferecia a perfeição concisa que já me encantara no seu verso (QUEIRÓS, 1946:25)².

A imagem que o narrador vai construindo dessa personagem beira ao excessivo, na linguagem, revelando um olhar seduzido, como ele mesmo diz: “o que me seduziu logo foi a sua esplêndida solidez, a sã e viril proporção dos membros rijos” (A.C.F.M., p.24).

Fradique, à época do primeiro contato com o narrador, havia completado 33 anos, o que poderia caracterizá-lo como um homem experimentado, maduro, e esplêndido, como reforça, constantemente, o narrador: “Fradique Mendes voltara de dentro, vestido com uma cabaia chinesa! Cabaia de mandarim, de seda verde, bordada a flores de amendoeira- que me maravilhou e me intimidou.” (A.C.F.M.,p.29).

O visual bem cuidado, ainda que excêntrico, foge à convencional forma da

apresentação do masculino. O interesse do narrador por esse homem extraordinário surgiu exatamente porque ele leu, no jornal **Revolução de Setembro**, as Lapidárias- reunião de poemas de autoria de Fradique- que o aproximavam da lírica baudelairiana, afastando-se da tradição e buscando motivos emocionais fora das limitadas palpitações do coração:

(...)Mas além disso Fradique Mendes trabalhava um outro filão poético que me seduzia- o da Modernidade, a notação fina e sóbria das graças e dos horrores da Vida, da Vida ambiente e costumada, tal como a podemos testemunhar ou pressentir nas ruas que todos trilhamos, nas moradas vizinhas das massas, nos humildes destinos deslizando em torno de nós por penumbras humildes. (A.C.F.M.,p.6).

Percebemos que a estética literária de Fradique é bastante próxima da estética dos decadentistas. Os decadentistas, negando a tradição, buscavam temas novos para a literatura. Uma alternativa possível, como afirma SEABRA (1975:52), é “a aparição freqüente da Idade Média, nebulosa e ideal, simbólica ou decorativa, a substituir-se ao mundo contemporâneo”. Na poesia de Fradique, o narrador contempla “um solitário do século VI” (A.C.F.M., p.6), ou “as façanhas do tempo em que seguira pelas Gálias, num bando alegre, as legiões de César, depois as hordas de Alarico rolando para a Itália”. (A.C.F.M., p.7), ou “o bom cavaleiro Percival (...) à busca do São-Graal, o místico vaso cheio do sangue de cristo. (A.C.F.M., p.7).

Os decadentistas, revelando encontrarem-se em estado de um cansaço intelectual, como afirma Décaudin (1976:18), numa tentativa de negar a estética parnasiana, reivindicam uma nova estética e um novo fazer literário. A lírica de Fradique representa bem essa tentativa de realização de uma nova poíesis, uma prática de versificação que abordasse temas diferentes, ainda que buscados na Idade Média, e novas experimentações na linguagem. Como diz o narrador, o que o prendeu nas Lapidárias não foi a Ideia, mas a Forma:

uma forma soberba de plasticidade e de vida, que ao mesmo tempo me lembrava o verso marmóreo de Leconte de Lisle com um sangue mais quente nas veias de mármore, e a nervosidade intensa de Baudelaire vibrando com mais norma e cadência. (A.C.F.M., p.8).

Eça, via Fradique, nos revela a influência dos poetas malditos da literatura francesa, como a nova estética que vinha se edificando das “ruínas do Romantismo como sua derradeira incarnação.” (A.C.F.M., p.9).

Citando Baudelaire, o narrador costumava provocar dois cônegos que moravam ao seu lado:

*Et pourtant vous serez semblable à cette ordure,
À cette horrible infection,
Étoile de mes yeux, soleil de ma nature,
Vous, mon ange et ma passion!
(...)
Alors, oh ma beauté, dites à la vermine
Qui vous mangera de baisers,
Que j'ai gardé la forme et l'essence divine
De nos amours décomposés! (A.C.F.M., p, 9).*

O maior entusiasmo do narrador, em relação a Fradique Mendes, deve-se ao fato de ele ter encontrado um representante da nova estética, na cultura portuguesa, e de tão apurado fazer literário, que pôde ser comparado a Baudelaire, o grande poeta satânico: “Este poeta era português, (...) habitava Lisboa, pertencia aos Novos, possuía decerto na alma, talvez no viver, tanta originalidade poética como nos seus poemas!” (A.C.F.M., p, 12).

Como os poetas decadentistas, Fradique Mendes encontrou algo novo a ser mirado: “Graças te sejam dadas meu Fradique bendito, que na minha velha língua he mirado algo nuevo” (A.C.F.M., p.12), exclama o narrador.

Por outro lado, a imagem física de Fradique se opõe, de certa forma, à imagem de Jacinto. Fradique está sempre alegre, bem vestido, de bem com a vida, robusto e radiante, enquanto Jacinto vai-se esvaindo sob o peso da civilização, perdendo a juventude e o brilho, como veremos logo adiante. O narrador da Correspondência... nos confessa que achou Fradique “um varão magnífico-dominando sobretudo por uma graça clara que saía de toda a sua força máscula. Era o seu viço que deslumbrava. A vida de tão várias e trabalhosas atividades não lhe escavara uma prega de fadiga” (A.C.F.M., p.25). Fradique é descrito como um efebo, um jovem soberbamente viril e magnífico. No entanto, entediado com a monotonia de uma existência sem grandes realizações, ele está sempre em busca de algo novo que o despertasse para a vida plena e feliz. A busca de novidade também é excessiva e excêntrica, e, às vezes, beira ao grotesco. Uma vez, o narrador o surpreende recebendo uma estranha comunicação da alfândega, sobre algum objeto importado: “tratava-se, como sempre, da Alfândega, fonte perene das suas amarguras. Agora tinha lá enalhado um caixote contendo uma múmia egípcia.” (A.C.F.M., p.25).

Nesse mesmo encontro, os dois amigos discutem a produção literária na França. Para Fradique, só havia artificialidade na poesia de Baudelaire e Victor Hugo e “em França (...) não havia poetas. A genuína expressão da clara inteligência francesa era a prosa” (A.C.F.M., p.32). Depois desse encontro, Fradique empreende uma jornada pelo mundo, passando pelo Marrocos e Egito, onde reencontra o seu amigo, o narrador:

Ao outro dia, que era o da festa do Beiram, recolhi ao Cairo pela hora mais quente, quando os muezzins cantam a terceira oração. (...) Que homem, de entre todos os homens, avistei eu no terraço, estendido numa comprida cadeira de vime, com as mãos cruzadas por trás da nuca, o Times esquecido sobre os joelhos, embebendo-se todo de calor e de luz? Fradique Mendes.” (A.C.F.M., p. 38).

Fradique é um homem extraordinário. Um dândi por excelência, que até mesmo ajuda na fundação de uma nova religião muçulmana:

À medida que ele falava do Bab, dessa missão apostólica ao velho Sheik de Tebas, de uma outra fé surgindo no mundo muçulmano com o seu cortejo de martírios e de êxtases, da possível fundação dum império Babista- o homem tomava aos meus olhos proporções grandiosas. (A.C.F.M., p.55).

As jornadas de Fradique estendem-se pela América, pelas antilhas, pelas repúblicas do golfo do México, passando pelo Brasil, pelos Pampas, pelo Chile e pela Patagônia, mantendo um estreito laço de amizade com o narrador, através de correspondências que este “tumultuosamente atulhava de imagens e impressões, e que Fradique miudamente enchia de idéias e de factos” (A.C.F.M., p.61). Fradique diz ter viajado por toda parte viável, ter lido todos os livros de explorações e travessias porque, como ele mesmo dizia,

me repugnava não conhecer o globo em que habito até aos seus extremos limites, e não sentir contínua solidariedade do pedaço de terra que tenho sob os pés com toda a outra terra que se arqueia para além. (A.C.F.M., p.87).

Errando pelo mundo em busca de aventuras e “bisbilhotices”, Fradique conhece diferentes civilizações e culturas, fixando-se, porém, entre Paris e Londres, visitando regularmente a pátria portuguesa, onde se revigorava “percorrendo uma província, lentamente, a cavalo” (A.C.F.M., p.92). Para Fradique, Lisboa só lhe interessava e lhe agradava enquanto paisagem, já que estava marcada pela imitação francesa. Na sua opinião, “Lisboa é uma cidade traduzida do francês em calão”, onde não se pode encontrar, sequer, pratos típicos da cozinha portuguesa, como “o prato com macarrão do século XVIII, a almôndega indigesta e divina do tempo das descobertas, ou essa maravilhosa cabidela de frango, petisco dilecto de Dom João IV. (A.C.F.M., p. 95).

Fradique demonstra, assim, uma certa decadência de Portugal, que começou, segundo ele, desde o Constitucionalismo e o Parlamentarismo. Há um tom saudosista na fala de Fradique, um certo desejo de que Portugal pudesse voltar a ser como era, antes da Democracia. A perda da originalidade da cultura portuguesa, para ele, diminuía o resto do mundo. Constatando essas mudanças ocorridas em sua pátria querida, Fradique vai mergulhando, irremediavelmente, no gouffre decadentista. Em sua carta ao amigo G.F, ele confessa: “- Todos nós que vivemos neste globo formamos uma imensa caravana que marcha confusamente para o Nada”.(A.C.F.M., p.108). A inutilidade do estar-no-mundo e

